

deliberações legiferantes da Assembléia, na 3.^a sessão ordinária, que ora encerramos, assim se repartem, também em excelente proporcionalidade: promotivas, — 11; normativas, — 28; consignativas, — 13. Por último, atendendo aos fins, as nossas deliberações, enquanto referidas às atividades do sistema: ou são *administrativas*, isto é, relativas à *gestão*; ou são *técnicas*, a saber, concernentes à *elaboração*; ou são *sociais*, vale dizer, respeitantes à *utilização*. E os assuntos que as ementas das Resoluções votadas exprimem, si distribuídos na conformidade desse terceiro trinômio, dar-nos-ão então estes outros números, não menos satisfatoriamente correlacionados: administrativos, 10; técnicos, 24; sociais, 18. Isto nos diz a estatística. E aqui já não vai

apenas *quantidade*, mas também, em certa medida, *qualidade*".

Não é demais se acentue, portanto, que, dados os resultados obtidos, a reunião de julho dos trabalhadores da estatística nacional veio consignar expressivas vitórias na folha de serviços que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística presta à nação.

Realizou-se, assim, num ambiente de trabalho e de alta compreensão, uma tarefa patriótica, que realça o valor do acervo de experiências e iniciativas daquela entidade coordenadora das estatísticas nacionais, a cuja atuação o Presidente da República se referiu recentemente, aludindo, em termos honrosos, à sua eficiência e aos "notáveis resultados, em todo o país".

INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

A EXPOSIÇÃO MACHADO DE ASSIS

Durante um mês esteve aberta ao público, no *hall* da Biblioteca Nacional, a mais interessante e curiosa exposição que já se realizou no Brasil em memória de um escritor. Com ela foi comemorado o primeiro centenário do nascimento de Machado de Assis, o maior dos nossos romancistas e, também, crítico e poeta, dos mais notáveis de seu tempo. As honras dessa brilhante realização couberam ao Instituto Nacional do Livro, que teve a colaboração técnica do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e juntou, aos seus, numerosos e inestimáveis elementos bio-bibliográficos, edições raras de obras do mestre, manuscritos, cartas autógrafas e muitos outros documentos com que cooperaram para o êxito da bela exibição a própria Biblioteca Nacional, a Academia Brasileira, o Gabinete Português de Leitura, a Senhora General Leitão de Carvalho e a Senhora Viúva Mario de Alencar.

José Joaquim Machado de Assis, nascido a 21 de junho de 1839, na cidade do Rio de Janeiro, e falecido aos 69 anos de idade, em 29 de

setembro de 1908, teve a boa fortuna de conquistar em vida o reconhecimento e a estima dos contemporâneos, na antecipada certeza da glória que hoje ilumina o seu nome. Ainda na mocidade, merecera elogios aos representantes mais ilustres das letras do Brasil e de Portugal, inclusive José de Alencar, Francisco Octaviano, Pedro Luiz, José Feliciano de Castilho, Faustino Xavier de Novaes, cuja irmã esposou, Antonio Feliciano de Castilho; e a partir da maturidade viu-se honrado, como creador e mestre da língua, por homens como Eça de Queiroz, Joaquim Nabuco, Lafayette Rodrigues Pereira, José Veríssimo, Rui Barbosa, cujos conceitos sobre a sua obra já resumiam sentimentos de admiração geral, a que davam definitiva autoridade.

Mas a exposição inaugurada a 21 de junho passado, pelo Instituto Nacional do Livro, trouxe — com a demonstração de que talvez nenhum autor brasileiro tenha jamais suscitado tantos volumes de biografia, crítica e comentário, como Machado de Assis — fatos novos que estão destina-

dos a alterar o julgamento e a interpretação psicológica do escritor e da sua obra. Registemos, antes de tudo, a extraordinária revelação trazida a público com a cópia autenticada do registo de batismo do autor das *Memórias Póstumas*, documento preciosíssimo, que todos os biógrafos e comentaristas, desde Alfredo Pujol tiveram por inexistente.

Esse registo, somente agora descoberto na velha igreja de Santa Rita, e dado por certidão do vigário atual, constituiria elemento suficiente para fixar a lembrança da magnífica homenagem comemorativa. Por êle, e contra todas as suposições fantasistas de alguns biógrafos vemos derramar-se uma luz inesperada sobre a filiação de Machado de Assis. Em vez da mãe mulata que lhe atribuíram, sabemos agora com certeza que êle foi filho de uma açoriana da Ilha de S. Miguel. O ilustre sr. Afrânio Peixoto, ao ler a certidão exposta pelo Instituto Nacional do Livro, exprimiu o pensamento da revolução que essa prova vem produzir, e achou que ela explica muita cousa, inclusive o casamento mesmo do romancista com uma mulher branca, não já uma simples filha da velha raça de lavradores insulanos, mas uma dama de alta inteligência e ascendência distinta. Tal fato, evidentemente, não importa como apanágio de alta prosápia. Devemos continuar admitindo que essa mãe laboriosa e amável, que lavava o linho alheio para acorrer com o marido às despesas do lar, era de condição humilde. O que importa é o dado etnográfico, sumamente revelador. Por êle torna-se possível penetrar um pouco mais fundo na alma tão recolhida, fugidia e conciente, dêsse artista filosofante que amava as belas formas e fazia da arte seu culto supremo.

Todo o rico e variado conjunto da exposição ofereceu, aliás, da vida, personalidade e obra de Machado de Assis, um ensinamento novo. Durante as quatro semanas em que ela se achou franquiada ao público, não houve um só dia que não atraísse visitantes de toda sorte, os quais longamente se detinham diante dos grandes painéis, onde se achavam ordenadas ampliações fotográficas, ou diante das vitrinas, a ler a córrrespondência literária ou íntima do mestre. E a maioria dêsses visitantes parecia movida por uma curiosidade particular, como si buscasse, nos documentos pessoais do romancista glorioso, a chave de um segredo mal pressentido em seus livros.

Tal modo a idealizou o sr. Augusto Meyer, e foi apresentada, a exposição de Machado de

Assis constava de sete painéis. Ao centro, encimando vasta cortina que fechava o acesso da escadaria para os andares superiores, liam-se em grandes caracteres brancos as palavras: *alma curiosa de perfeição*, tomadas à pequena fantasia *Trio em lá menor*, e que simbolizavam, de algum modo, o espírito mesmo de toda a sua obra.

Os sete painéis estavam assim dispostos:

I — INFÂNCIA — Aí se apresentava uma planta da velha Quinta do Livramento, no morro do mesmo nome, com a sua Capela votada a Nossa Senhora: na Quinta nascera Machado de Assis, e na Capela fôra batizado. E víamos, em fotografia ampliada, o registo de batismo, feito na igreja de Santa Rita, assim redigido:

“Aos treze dias do mês de Novembro de mil oitocentos e trinta e nove annos, na Capella de Nossa Senhora do Livramento filial a esta Matriz com Provisão do Illustrissimo e Reverendissimo Monsenhor, e Vigario Capitular Narciso da Silva Nepomuceno, e minha licença, o Reverendo Narciso José de Moraes Marques baptizou após os Santos Oleos a Joaquim, innocente filho legitimo de Francisco José de Assis, e Maria Leopoldina Machado de Assis, elle natural desta Côrte, e ella da Ilha do Faial, digo ella da Ilha de São Miguel; forão padrinhos o Excellentissimo Viador Joaquim Alberto de Sousa da Silveira, e Dona Maria José de Mendonça Barroso, nasceo aos vinte e hum de Junho do presente anno; do que fiz este assunto:

O Vigr.º José Francisco da Silva Barroso”.

Em seguida, no mesmo painel, as ampliações fotográficas mostravam aspectos subsistentes do velho casario do morro do Livramento, de arquitetura tão característica e paisagem pinturesca, onde se passou a primeira infância do romancista. No alto, à esquerda, lia-se em caracteres negros esta frase tirada às *Memórias Póstumas*, onde parece refletir uma lembrança longínqua e pessoal: *“Caçar passarinhos ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar à toa...”*

II — FORMAÇÃO — Iniciou Machado de Assis a carreira literária na loja do livreiro-editor F.

de Paula Brito, à Praça da Constituição, hoje Tiradentes. Ali, ao contato de Casimiro de Abreu, empregado da casa, e de outros, prosistas e poetas, que a frequentavam, recebeu êle os primeiros estímulos. Em janeiro de 1855, aos 16 anos, publicava na "Marmota Fluminense" os primeiros versos; e, nos anos seguintes, alargou seu círculo de relações sociais e literárias, de que a exposição do Instituto Nacional do Livro nos retratou agora o quadro sugestivo. O painel representativo desse período de formação do homem e do escritor, que já em 1860 entrava para o "Diário do Rio de Janeiro" como cronista dos trabalhos do Senado, e em 1861 publicava os "Desencantos" e "Queda que as Mulheres têm para os tolos", punha em relevo excelentes retratos dos seus companheiros e mestres da época, tais como Paula Brito, Casimiro de Abreu, Manoel Antonio de Almeida, Faustino Xavier de Novaes, Sizenando Nabuco, Quintino Bocaiuva, Francisco Octaviano, Pedro Luiz, Bernardo Guimarães, José de Alencar. Essa foi também a época em que o animava o gosto do teatro. Isso lhe valeu, depois de 1866, um presente de Antonio de Castilho, que lhe mandava a tradução das "Georgicas" com esta dedicatória: "Ao Príncipe dos Alexandrinos, ao autor dos "Deuses de Casaca", a J. M. Machado de Assis: A. Castilho". E esta assinatura, em largas letras espaçadas, foi lançada pessoalmente pelo grande cego, para melhor autenticar o valor da homenagem. O painel mostrava também a reprodução *fac simile* dos jornais do tempo que tiveram a colaboração do escritor, poeta, crítico, dramata e contista. Esses jornais, além da *Marmota* e do *Diário*, foram o *Correio Mercantil*, o *Espelho*, o *Futuro*, o *Parahyba* (de Petrópolis)...

III — VIDA ÍNTIMA — Em 1869, casou-se Machado de Assis com D. Carolina Augusta de Novaes, irmã do poeta português Faustino Xavier de Novaes, chegada ao Rio três anos antes, em 1866. Na exposição, o painel da vida íntima se abria justamente com um retrato da joven dama, que seria para o escritor a dedicada companheira e colaboradora de 35 anos; e seguiam-se reproduções de duas cartas de amor mandadas por êle a ela, ao tempo do noivado, e com a singularidade de terem sido ambas escritas no mesmo dia, e de aludir uma a duas outras que, também no mesmo dia, lhe tinham sido mandadas pela noiva. Aí figuravam ainda os originais dessa correspondência e outros de cartas a parentes e amigos. — Ma-

chado de Assis ao casar-se contava 30 anos de idade; e no painel via-se mais um grande retrato que o mostrava aos 34 anos.

IV — OBRA — Foi um dos aspectos mais interessantes da exposição. No alto, dominando o painel, uma frase do escritor: "*De todas as cousas humanas a única que tem o seu fim em si mesma é a arte*". À esquerda, no largo plano, sucediam-se, em ampliações fotográficas, as páginas de rosto das primeiras edições de todas as suas obras publicadas de 1861 a 1910.e, entre elas, em ponto maior, a das *Memórias Póstumas de Braz Cubas*, cujo volume apareceu em 1881 e marcou o cimo do gênio assisiano. Na parte inferior do painel, indicavam-se as influências que mais impressionaram o espirito e a arte de Machado de Assis, e cujas maiores foram: Camões, Luiz de Souza, Manoel Bernardes, Garret, o *Eclesiastes*, Pascal, Sterne, Schopenhauer, Renan. Havia ainda expostos os manuscritos originais de *Esau e Jacob*, *Memorial de Aires*, *Tu só tu puro Amor*, e bem assim os de uma comédia e uma tradução, e originais de versos inéditos.

V — MATURIDADE — Eis a legenda do painel: "*Nem descuido nem artifício: arte*" — frase do escritor. Aí se representava a fase culminante da carreira de Machado de Assis, com a reprodução em *fac-simile* de jornais e revistas que o tiveram como seu colaborador nesse período áureo, e uma série de retratos da maioria dos fundadores e primeiros membros eleitos da Academia Brasileira, de que êle foi o primeiro presidente: o seu próprio e os de Raimundo Corrêa, Clovis Bevilacqua, Alberto de Oliveira, José Verissimo, Afonso Celso, Frâncin Távora, Rui Barbosa, Rio Branco, Magalhães de Azevedo, Luiz Murat, Garcia Rondó, Coelho Neto, Alcindo Guanabara, Salvador de Mendonça, Aluisio Azevedo, Carlos de Laet, Sousa Bandeira, Mario de Alencar, Filinto de Almeida, Rodrigo Otávio, Joaquim Nabuco, Artur Azevedo, Silva Ramos, Oliveira Lima, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Euclides da Cunha, Silvio Romero, Teixeira de Melo, Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro, Olavo Bilac, Augusto de Lima, Graça Aranha, Domicio da Gama, Araripe Júnior, Afonso Arinos, Lúcio de Mendonça. Sob um grande retrato de Machado de Assis, um aspecto fotográfico do antigo edificio do Ministério da Viação, de que foi alto funcionário, e um retrato de Ernesto Cibrão, com-